



Universidades Lusíada

Mendes, Tânia da Costa
Sani, Ana Isabel Martins, 1973-

Representações de crianças expostas à violência interparental através de provas projetivas

<http://hdl.handle.net/11067/3550>
<https://doi.org/10.34628/snby-wr22>

Metadados

Data de Publicação	2015
Resumo	Este trabalho apresenta dados de um estudo realizado com crianças acolhidas numa casa de abrigo para vítimas de violência doméstica, situado na região Norte do país. A investigação de cariz qualitativo, exploratório e descritivo teve como objetivo chegar ao mundo interno da criança exposta à violência interparental através do uso de duas técnicas projetivas. Neste estudo participaram nove crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 15 anos, as quais tinham em comum a experiência de exposiç...
Palavras Chave	Violência doméstica - Aspectos psicológicos, Vítimas de violência doméstica, Crianças e violência, Crianças - Saúde mental
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-IPCE] RPCA, v. 06, n. 1 (Janeiro-Junho 2015)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T09:22:38Z com informação proveniente do Repositório

REPRESENTAÇÕES DE CRIANÇAS EXPOSTAS À VIOLÊNCIA INTERPARENTAL ATRAVÉS DE PROVAS PROJETIVAS

THE REPRESENTATIONS OF CHILDREN EXPOSED TO INTERPARENTAL VIOLENCE THROUGH PROJECTIVE TESTS

Tânia da Costa Mendes

Ana Sani

Universidade Fernando Pessoa

Contacto para correspondência:
taniamendesufp@hotmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta dados de um estudo realizado com crianças acolhidas numa casa de abrigo para vítimas de violência doméstica, situado na região Norte do país. A investigação de cariz qualitativo, exploratório e descritivo teve como objetivo chegar ao mundo interno da criança exposta à violência interpARENTAL através do uso de duas técnicas projetivas. Neste estudo participaram nove crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 15 anos, as quais tinham em comum a experiência de exposição a situações de risco por violência interpARENTAL. Para a recolha de percepções foram usadas duas técnicas projetivas, primeiramente uma placa do Roberts Apperception Test for Children (RATC) designado pelo autor de “conflito parental” (cartão 12) e, posteriormente, uma História de “Conflito à Hora de Jantar” baseada no MacArthur Story Stem Battery. Os dados recolhidos foram transcritos para análise de conteúdo categorial. Os resultados demonstram que, de um modo geral, as crianças descreveram episódios de violência física e emocional, discórdia parental e não fazem referência a momentos de união e simpatia. No domínio

emocional, as crianças apresentaram uma tonalidade negativa quanto às emoções e aos sentimentos. A nível cognitivo, as crianças revelam pensamentos sobre o comportamento do pai relacionado com a integridade física da mãe. Assim, é importante identificar e modificar tais representações erróneas sobre o ambiente familiar, implementando e desenhando programas de intervenção parentais, com o objetivo de diminuir a vulnerabilidade da criança a futuros problemas a nível emocional, afetivo e social.

Palavras-chave: Representações; Crianças; Violência interparental; provas projetivas.

Abstract: This paper presents data from a study of children housed in a shelter for victims of domestic violence, located in the north region of the country. The qualitative, exploratory and descriptive research aimed to access to the internal world of children exposed to interparental violence through the use of two projective techniques. Nine children aged between 8 and 15 years participated in this study, having in common the experience of exposure to risk situations by interparental violence. For the collection of perceptions we used two projective techniques, primarily a card of Roberts Apperception Test for Children (RATC) designated by the author to “parental conflict” (card 12) and subsequently a history of “Conflict at Dinner Time” based on the MacArthur Story Stem Battery. The data collected were transcribed for categorical content analysis. The results show that, in general, children reported episodes of physical and emotional violence, parental disagreement, and a nonexistent reference to closeness and sympathy moments. In the emotional domain, the children showed a negative tone about the emotions and feelings. At cognitive level, children reveal thoughts about the father’s behavior related to the physical integrity of the mother. Thus, it is important to identify and modify such erroneous representations about the family environment, implementing and designing intervention programs parenting, with the aim of reducing the child’s vulnerability to future problems in emotional, affective and social.

Key-words: representations, children, interparental violence, projective tests

Introdução

A violência interparental refere-se à situação de conflito violento que ocorre entre os progenitores e/ou figuras parentais da criança, que podem estar ou não unidos por laços de conjugalidade (Sani, 2006) e que decorre, por norma no contexto doméstico. O facto de esta violência ocorrer num espaço importante

para o desenvolvimento, acolhimento e proteção da criança e envolver figuras tão significativas, tende a gerar um impacto negativo que pode manifestar-se de forma muito diversas, através de sintomas de internalização (e.g., ansiedade, medo, isolamento) e/ou de externalização (e.g., agressividade, raiva, impulsividade), a curto, médio e longo prazos (Jiménez, 2009; Margolin & Gordis, 2004; Wolfe, Crooks, Lee, McIntyre-Smith, & Jaffe, 2003).

A literatura na área da vitimação infantil (cf. Kitzman, Gaylord, Holt, & Kenny, 2003) tem vindo a demonstrar que as crianças expostas a violência interpaparental estão mais propensas a apresentar problemas emocionais em resposta ao conflito interpaparental e padrões mais amplos de dificuldades psicológicas do que as crianças de lares não violentos (Cummings & Davies, 2010). Estas crianças podem sofrer de problemas comportamentais, sociais, emocionais, psicológicos, cognitivos, físicos e efeitos a longo prazo, denotando-se diferenças em cada estágio de desenvolvimento (Buckley, Holt, & Whelan, 2007; Coutinho & Sani, 2008; Du Rocher Schudlich, & Cummings, 2003; Edleson, Ellerton, Seagren, Schmidt, Kirchberg, & Ambrose 2007; Margolin & Gordis, 2004; McDonald & Grych, 2006; Sani, 2002; Wolf et al., 2003).

A nível emocional é frequente que as crianças manifestem reações de evitamento, medo, agressividade, culpa, vergonha, baixa autoestima, tristeza, ansiedade, insegurança e confusão (Esfandyari, Baharudin, & Nowzari, 2009). A forma como se sente está em muito relacionada com o modo como a criança representa e constrói significados para as experiências (Grych & Fincham, 1993; Sani, 2002). A literatura refere que as crianças representam mentalmente as suas experiências do conflito sobre a forma de esquemas (Grych & Cardoza-Fernandes, 2001) no entanto, estes podem alterar-se de acordo com a maior ou menor exposição face a estes, e com o avançar da idade a sua compreensão sobre o conflito vai se alterando. A observação dos conflitos dos pais tem uma grande influência sobre as crianças, na medida em que estas tendem a reproduzir nos seus relacionamentos sociais essas mesmas estratégias de resolução de problemas (Esfandyari et al., 2009; Reese-weber & Kahn, 2005). De facto, algumas investigações (e.g., Moretti, Obsuth, Odgers, & Reebye, 2006; Overlien & Hydén, 2009) concluíram que crianças expostas à violência interpaparental estão mais propensas a usar a agressão em resposta ao conflito, corroborando a ideia de que o conflito entre os pais é um dos maiores preditores de desajustamento em crianças e adolescentes.

Importa, no entanto, ressaltar que as crianças podem ser resilientes a alguns acontecimentos e não a outros, isto varia em função dos diversos contextos e ao longo do tempo (Gonçalves, 2003). Os recursos internos da criança favorecem as respostas positivas às situações de adversidade. Contudo, as crianças não reagem apenas ao facto dos seus pais estarem em desacordo, mas também ao significado e consequências do conflito em termos das suas implicações para o bem-estar do self e da família (Davies & Cummings, 1994; Davies, Sturge-Apple, Winter, Cummings, & Farrell, 2006). As crianças avaliam o conflito em termos das suas implicações para a sua sensação de segurança e respondem em conformidade

(Cummings & Davies, 1994). As estratégias de *coping* adotadas por cada criança para lidar com as situações stressantes no contexto familiar vão minimizar o impacto e as suas implicações para o seu bem-estar (Grych & Fincham, 1990).

Assim, as representações constituem um fator mediador importante do impacto das experiências, permitindo-nos perceber, através do acesso às mesmas, as implicações que podem ter no ajustamento global de criança. Por aí se justifica a importância dos estudos realizados sobre as representações da criança e no caso concreto deste estudo, a pertinência do uso de técnicas projetivas para a compreensão das representações das crianças expostas à violência interparental.

A narrativa como veículo de acesso às representações das crianças

Ao longo dos últimos anos, vários investigadores têm vindo a utilizar, de forma crescente, a análise das narrativas como forma de aceder às representações construídas pelas crianças acerca da dinâmica familiar (Grych, Wachsmuth-Schlaefler, & Klockow, 2002; Oppenheim, Nir, Emde, & Warren, 1997; Sani, 2002, 2004).

As técnicas projetivas (e.g., completar histórias) e as entrevistas semiestruturadas figuram entre as mais comumente usadas com esse objetivo de aceder as representações dos sujeitos. As técnicas projetivas permitem uma avaliação mais compreensiva das representações a vários níveis (Robinson, 2007), comparativamente a outras técnicas (e.g., um questionário estruturado), sendo assim usadas para aumentar a validade das avaliações de representação, além de que procuram aproveitar o interesse da criança e habilidade desta em contar histórias (Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990). As entrevistas semiestruturadas seguem igualmente o nível de raciocínio e a disposição da criança para a abordagens de determinados assuntos e são, também por isso, uma técnica importante na investigação qualitativa junto de crianças e jovens (Sani, 2004).

Entre os materiais supracitados podemos mencionar, a título exemplificativo, o Parenting Perception Inventory (PPI) de Hazzard, Cristensen e Margolin (1983), o Parent Acceptance Rejection Questionnaire (PARQ) de Rohner (1990), o Attachment Doll-Play Interview (ADI) de Oppenheim, Nir, Emde, e Warren, (1997), a Entrevista de Avaliação - Intervenção para Situações de Vitimação Infantil de Sani (2002), o Roberts Apperception Test for Children (RATC) de McArthur e Roberts (1982), o MacArthur Story Stem Battery (MSSB, de Bretherton, Oppenheim, Buchsbaum, Emde, e the MacArthur Narrative Group (1990).

Assim, existem vários estudos que testaram empiricamente alguns destes instrumentos (e.g., Bretherton, Oppenheim, Buchsbaum, Emde, & MacArthur Narrative Group, 1990; Cummings, Schermerhorn, Keller, & Davies, 2008; Davies, Sturge-Apple, Winter, Cummings & Farrel, 2006) através dos quais se procura aceder ao modo como as crianças recordam e narram as suas experiências

negativas e vivências em contexto familiar. A forma como as crianças retratam as suas personagens nas suas narrativas está implicitamente associada às suas experiências e relacionamentos interpessoais (Oppenheim, Nir, Warren, & Emde, 1997), assim como à forma como constroem significados para essas mesmas experiências e as integram na sua história de vida (Fivush, Hazzard, Sales, Sarfati, & Brown, 2003).

As narrativas que cada criança vai construindo acerca da própria existência estruturam-se com base na constituição do seu self (Oppenheim, 2006). A narrativa surge então, não como uma representação de uma realidade cognitiva essencial, mas como um elemento central da experiência do indivíduo, uma forma de construir um conhecimento indissociável da experiência de existir (Gonçalves, 2000). Assim estando as narrativas tão intimamente ligadas às representações internas dos sujeitos estão são *per si* um veículo essencial para aceder às construções subjetivas da criança acerca das suas experiências e interações que estabelecem (Emde, 2003; Perry, Burston, Stevens, Steele, Golding, & Golombok, 2004). Por sua vez, tais representações vão tornar-se ainda num mediador do desenvolvimento de competências de regulação do afeto e da modulação das emoções (Appelman & Wolf, 2003). Neste sentido, importa encarar também as representações como podendo ter papel fundamental na adaptabilidade das crianças às diversas situações, incluindo as retratadas neste estudo que envolvem o conflito parental violento.

Método

Tendo como principal objetivo a compreensão das representações de crianças acerca da violência interparental realizámos um estudo de cariz qualitativo, dado que se pretendia uma compreensão detalhada dessa experiência (Bazeley, 2007).

Os participantes deste estudo foram escolhidos com base no princípio da qualidade de informação (Guba & Lincoln, 1989), ou seja, foram selecionados de modo intencional de acordo com o conhecimento e experiência da realidade que se pretendia investigar (Morse, 1994). Assim, a amostra para esta investigação foi composta por nove crianças portuguesas (representadas por E1 a E9), com idades compreendidas entre os 8 e os 15 anos, que estiveram expostas aos conflitos dos seus cuidadores e que estavam em situação de acolhimento em casa de abrigo, acompanhadas pela figura materna (cf. Tabela 1).

Tabela 1. Caracterização da amostra

Crianças	Sexo	Idade	Ano de Escolaridade	TEVI* (em anos)	TPCA** (em meses)	
	Masc.	Fem.				
E1		X	11	7º	11	4
E2		X	12	8º	9	4
E3		X	8	4º	8	5
E4		X	13	9º	13	12
E5		X	15	10º	15	5
E6	X		8	4º	8	12
E7	X		12	9ª	12	1
E8		X	15	10º	15	5
E9	X		11	8º	8	4

Legenda:

* TEVI -Tempo de Exposição à Violência Interparental

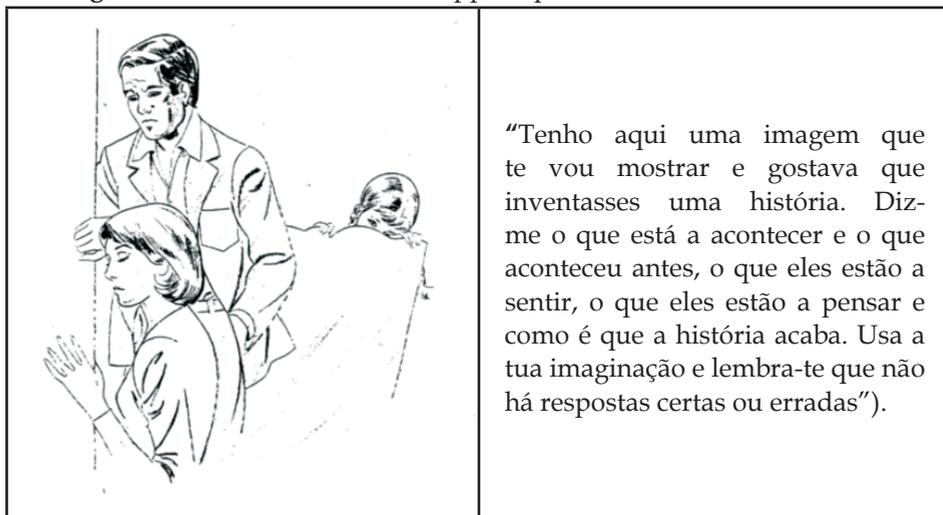
** TPCA -Tempo de Permanência em Casa Abrigo

Assim, o conjunto de participantes deste estudo são crianças de diferentes sexos e faixas etárias, com experiência de exposição à violência interparental e acolhimento em casa de abrigo com suas mães. O processo de delimitação da amostra obedeceu ao critério da saturação teórica, ou seja, a mesma foi fechada quando outros dados diversificados não emergiram a partir de mais entrevistas, considerando-se atingida uma representatividade experiencial.

Para a recolha de dados adotamos um conjunto de procedimentos presentes em certas investigações com o mesmo cariz metodológico e objetivos (e.g., MacArthur Narrative Group, 1990). Assim, optamos pelo uso de técnicas projetivas que utilizassem a narrativa como forma de aceder as representações dos sujeitos, sendo para tal apresentados estímulos (e.g., histórias, cartões ou placas) que permitissem às crianças projetar as vivências familiares.

Um dos estímulos selecionados foi o cartão 12 do Robert's Apperception Test for Children (RATC) (McArthur & Roberts, 1982; Roberts, 1990), designado pelo autor do mesmo teste como 'Conflito Parental', tendo sido esta placa considerada como a mais relevante e pertinente para a presente investigação. O RATC tem como objetivo avaliar a **perceção que a criança tem do seu mundo interpessoal** (Gonçalves, Morais, Pinto, & Machado, 1999). A sua interpretação é baseada na hipótese projetiva, de quando são apresentadas às crianças imagens ambíguas de crianças e adultos em interações diárias, elas projetarão os seus pensamentos, preocupações, conflitos e estilos de confronto nas histórias que criam (Gonçalves et al., 1999). A introdução da tarefa foi realizada com a seguinte instrução presente nos textos dos autores supracitados:

Figura 1. Cartão 12 do Roberts Apperception Test for Children



O outro estímulo, apresentado num segundo momento, tratou-se de uma história de um conflito ao jantar, baseada no instrumento MacArthur Story Stem Battery (MSSB) (Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990). O MSSB é um instrumento criado para crianças em idade pré-escolar, que recorre a breves inícios de histórias, o qual pode também providenciar informação relativa ao contexto atual da criança, isto é, às experiências atuais com os cuidadores (Waldinger, Toth, & Gerber, 2001). Assim, nesta fase do estudo foi apresentada à criança um breve início de uma história, que ocorrida no contexto familiar em que habita e onde ocorreram conflitos familiares, lhe pudesse suscitar uma narrativa capaz de fazer trazer à superfície a experiência pessoal e a representação interna do seu mundo (Holmberg, Robinson, Corbitt-Price & Wiener, 2007). Apesar de a história ter sido criada com um tema ou dilema em particular, a natureza aberta da tarefa permite que a criança a complete de forma coerente abordando mais do que um tema (Bretherton, & Oppenheim, 2003). A frase que introduz a tarefa é a seguinte:

“Estava na hora do jantar e o pai e a mãe começaram a discutir e o(a) menino(a), que já estava sentado à mesa com os irmãos, disse aos pais para parem de discutir. Mas, os pais continuaram.”

Posteriormente foram colocadas algumas questões a criança, a saber: Porque é que o(a) menino(a) pediu aos pais para pararem de discutir? E o que é que achas que os pais vão dizer ao menino? Como é que achas que o menino se está a sentir? O que é que achas que o menino está a pensar? Se fosses tu o que fazias nesta situação? Quem achas que começou a discussão? Porquê? Como achas que vai terminar a situação?

Como referido previamente, o estudo decorreu junto de população de uma casa de abrigo, localizada na região norte de Portugal. Para a sua concretização foi necessário a obtenção de uma autorização da diretora técnica dessa instituição de acolhimento para vítimas de violência doméstica. No pedido que realizámos foi explicitado todo o processo de condução da investigação, assim como a natureza do estudo, tendo sido assegurado o respeito por todas as normas éticas e deontológicas, no que se refere ao sigilo e à confidencialidade dos dados recolhidos. Seguidamente houve um contato prévio com cada progenitora, no sentido de explicar o enquadramento, a natureza e a importância do estudo, sendo apresentados os objetivos e os procedimentos que iriam ser seguidos.

As entrevistas com as crianças ocorreram num espaço disponibilizado pela instituição, assegurando-se deste modo um ambiente de tranquilidade, sem pressões externas, nem ruídos perturbadores. A opção por este contexto para a recolha dos dados facilitaria também a diminuição da ansiedade da criança. Para além disso, antes de se iniciar a entrevista foi referido a todas as crianças que não há resposta certas nem erradas, e que podiam terminar a qualquer momento, mantendo-se sempre a preocupação central da garantia do anonimato e confidencialidade das respostas.

A conversação com a criança decorreu sempre em tom de confiança e tranquilidade e terminou com um período de atenção aos seus sentimentos e de afirmação positiva do seu autoconceito. Procurámos estabelecer uma conversação informal, amigável e de baixa autoridade que permitisse uma aproximação às diferenças individuais e situacionais de cada criança. Após uma primeira fase de estabelecimento de uma relação de confiança, tentámos que cada criança nos desse o seu relato. Utilizou-se uma linguagem simples, respeitando diferenças de idades e desenvolvimento cognitivo.

O processo de recolha de dados demorou, em média, 30 minutos com cada criança, sendo as narrativas produzidas face aos estímulos selecionados objeto de gravação em formato áudio. Para tal houve um pedido prévio de autorização das mães e das próprias crianças, reconfirmado sempre antes de se começar a gravar.

Após a recolha dos dados, avançamos para a transcrição integral dos conteúdos expressos por cada participante tal como previsto neste tipo de estudos qualitativos (e.g., Belei, Gimenez-Paschoal, Nascimento, & Matsumoto, 2008), como vista à análise de conteúdo categorial. Neste sentido pretendeu-se identificar unidades de significado emergentes (categorias), delineando possibilidades de estruturação (Strauss & Corbin, 1998). O processo de codificação dos dados e a construção da respetiva grelha decorreu segundo uma lógica de *bottom-up*, ou seja, emergiu das sucessivas leituras do material empírico. Como linha orientadora da análise dos dados, salientamos o uso da *grounded analysis*, a qual se inscreve na linha de abordagem da *Grounded Theory*. Segundo esta metodologia, o objetivo central é a construção da teoria, distinguindo-se da simples descrição e da ordenação conceptual, pois constrói um esquema explicativo que integra sistematicamente vários conceitos e, mais do que fornecer compreensão, deve

possibilitar aos utilizadores explicar e prever acontecimentos, fornecendo por isso modelos para a ação (Strauss & Corbin, 1998).

Resultados

Nesta etapa começaremos, num primeiro momento, por apresentar as categorias emergentes relativamente ao cartão 12 do RATC e, num segundo momento, daremos a conhecer as categorias da “História do conflito à hora de jantar”.

No que se refere ao cartão foram obtidas quatro categorias nucleares que remetem para diversos tópicos da análise, a saber: Temáticas emergentes; Figuras presentes; Reações da criança; Perspetiva final da história (cf. Tabela 2)

Tabela 2. Categorias emergentes no cartão 12 do Roberts Apperception Test for Children

	Categorias	Tópicos de análise
Cartão 12 (Roberts Apperception Test for Children)	a. Temáticas emergentes	Conflito paparental; Separação; Outras
	b. Figuras presentes	Próximas; Distantes
	c. Reações da criança	Emocional; Cognitiva Positiva; Negativa
	d. Perspetiva final da história	Positiva; Negativa Existência; Inexistência

a. Temáticas emergentes

Verificamos que a temática exposta nas suas histórias incidem sobre o conflito paparental, [E1] - “A senhora está a chorar e o senhor está a ralar, e o menino tem medo que o pai faça mal à mãe”; [E2] “...foi uma zanga, estão tristes.”; [E4] “O senhor bateu a Camila e a Francisca era filha da Camila”. Para algumas crianças (e.g., E3, E6), a temática apresentada reflete a separação dos progenitores _ [E3] “A menina estava com medo de ter que escolher entre um e outro. Vão-se separar”; [E6] “E não quer que eles se separem, eles provavelmente vão-se separar, porque acham que é melhor para os dois”.

Outras duas crianças (e.g., E5, E8) expressam outros conteúdos relacionados com o ambiente familiar desfavorável _ [E8] “Estão a pensar que têm uma vida difícil” [E5] “A mãe está a pensar que a vida vai-lhe correr mal e o pai também”. Para [E7], o conteúdo manifesto no cartão relaciona-se com a tristeza, apresentando uma tonalidade emocional negativa para todos os elementos representados na história. O tema da segurança é salientado por outra criança, que apresenta preocupação com a integridade física da mãe _ [E9] “O pai mandou-o ir para baixo ou para cima, mas o filho não foi, ficou lá a espreitar, ou ralar ou bateu, e a mãe

começou a sentir-se mal". De igual modo também está patente um sentimento de culpa pelo desrespeito à figura paternal, por uma ordem não cumprida _ [E9] "O menino está a pensar que foi mau o que ele fez".

b. Figuras presentes

De acordo com análise às narrativas das crianças e no que se refere às figuras presentes nas histórias apercebemo-nos da introdução de distintas personagens, uma vez que, algumas crianças referem-se a figuras próximas do seu ambiente familiar e outras mais distantes. No entanto, todas as crianças identificaram três personagens nas suas narrativas, o que significa que não evidência de distorções perceptivas (cl clinicamente significativo).

Quatro crianças identificam na história as figuras parentais e a criança, o que sugere figuras próximas do seu ambiente familiar _ [E5] "Pai, uma mãe e um menino"; [E6] "Os pais e o menino"; [E8] "Vejo uma mãe, um pai também e uma menina"; [E9] "Esta é a mãe, o filho, e o pai". No entanto, três crianças enunciam na sua história, figuras mais distantes _ [E1] "Uma senhora, um senhor, uma criança"; [E7] "Vejo um senhor que está triste, uma menina que está triste e uma mulher"; [E2] "Uma mulher, um homem, e uma menina". Ainda duas crianças usam nas suas histórias a conotação de família apresentando os seus membros _ [E4] "Uma família"; [E3] "Uma família, um homem, uma mulher e uma menina".

c. Reações da criança

Esta é uma categoria com elevada saliência em todos os relatos, constatando-se de uma forma geral, que é no domínio emocional que mais facilmente se evidenciam as reações da criança, sobretudo negativas e que se traduzem em manifestações de ansiedade _ [E1] "uma criança que está com medo e tem medo do pai"; de medo _ [E2] "a menina está a esconder-se, tem medo do pai"; [E3] "a menina estava com medo"; [E5] "o menino está preocupado com a mãe"; de tristeza, [E7] "uma menina que está triste"; [E8] "uma menina que está escondida a menina esta a sentir tristeza."; [E4] "e esta ficou triste porque esta era a mãe dela". Observa-se, assim, que as crianças expõem um conjunto de emoções e sentimentos com tonalidade negativa, não mencionando emoções positivas como o bem-estar, alegria e felicidade.

No que diz respeito às cognições, as crianças centram-se na situação, surgindo pensamentos que estiveram na origem do problema _ [E9] "o menino está a pensar que foi mau o que ele fez." Algumas cognições resultam de uma antecipação de perigo pela integridade física da mãe _ [E1] "o menino tem medo que o pai faça mal a mãe" ou com a integridade do sistema familiar _ [E3] - "de ter que escolher entre um e outro, vão se separar."; [E2] "vão-se separar"; [E6]

“vão-se separar provavelmente”.

d. Perspetiva final da história

Quisemos compreender se as crianças atribuem um final positivo ou negativo à história por elas desenvolvida, tendo como referência a existência ou inexistência dessa finalização. Seis crianças apresentam uma resolução para o problema. Uma criança identifica a existência de solução para o problema apresentando uma finalização adaptativa, expondo alguns passos que conduziram à resolução _ [E1] “A senhora em vez de estar com o marido em casa, vai para outro sítio com os filhos, e depois nunca mais vê o marido”.

Outras duas crianças apresentam uma resolução mágica para o problema _ [E5] “Começam a trabalhar a ganhar dinheiro e depois podem ter uma vida boa”; [E8] “estão a pensar que tem uma vida difícil e acaba bem”. Outras três crianças finalizam as suas histórias com a separação das personagens _ [E2] “vão-se separar”; [E3] “Vão-se separar” [E6] “Vão-se separar provavelmente.” Outras três crianças não identificam nas suas histórias uma resolução para os aspetos comportamentais ou emocionais problemáticos _ [E4] “Todos a chorarem, porque estão tristes” _ o que poderá sugerir falta de recursos no sentido de identificar uma alternativa para resolver as situações _ [E7] “uma mulher que está triste e aconteceu alguma coisa”; [E9] “o menino está a pensar que mau o que ele lhe fez”.

Em relação história do conflito à hora de jantar emergiram quatro às categorias: Reações imediatas à discussão; Resolução do conflito; Atribuição em torno da discussão; Perspetiva final do conflito (cf. Tabela 3).

Tabela 3. Categorias emergentes para a História do Conflito à Hora de Jantar

	Categorias	Tópicos de análise
História do Conflito à Hora de Jantar	Reações imediatas à discussão	Emocional; Cognitivo; Comportamental
	Resolução do conflito	Ativa; Passiva
	Atribuição em torno da discussão	Responsabilidade e Causalidade
	Perspetiva final do conflito	Existência; Inexistência Positivo; Negativo

Reações imediatas à discussão

Esta categoria aborda as reações imediatas das crianças em relação à situação experienciada. De uma forma geral, é no domínio emocional, que mais facilmente percebemos o impacto da experiência na criança. Há uma diversidade de emoções, sentimentos e sensações negativas, que são reveladas pelas nove crianças deste estudo. A tristeza decorre da permanência do comportamento

violento do pai sobre a mãe, sentindo-se a criança um elemento estranho a todo este processo como a tristeza _ [E6] “Muito triste à parte”; [E7] “Mal, triste e sentir-se a mais no meio deles, porque está ver o pai a discutir com a mãe”; [E3] “Desanimada, triste e talvez se sentirá a mais no meio deles”; [E9] “Mal, triste porque não queria ver os pais zangados”. O medo, por vezes, emergente da instabilidade e da apreensão gerada pelos acontecimentos _ [E8] “Está-se a sentir triste, com medo”; a desorientação ou confusão _ [E1] “Confuso”; [E2] “Olha, está-se a sentir mal.”.

A nível cognitivo, as reações centram-se no evento experienciado, salientando-se aqui os pensamentos sobre as consequências associadas ao conflito. Observa-se, também, a partir de alguns excertos, que várias cognições versam sobre antecipação do comportamento do pai, relacionado com a integridade física da mãe _ [E1] “Que o pai vai fazer alguma coisa a mãe”; [E4] “Que o pai vai fazer mal à mãe”; [E5] “Que o pai vai bater à mãe”. Verifica-se no entanto, no relato das quatro crianças, ainda cognições negativas relacionadas com a integridade do sistema familiar _ [E7] “Que se vão separar”; [E8] “Está a pensar que se podem separar”; [E6] “Vai acabar por separar” [E9] “Está a pensar que se vão separar” As narrativas construídas em torno da imagem enunciam ainda desafeição _ [E2] “Que não são amigos” e a relação negativa entre as figuras parentais _ [E3] “Que eles não se dão bem”.

Quanto aos comportamentos as crianças referem estratégias distintas. Quatro crianças enunciam a adoção de estratégias (passivas) _ [E1] “Para não se meter porque são assuntos de pessoas adultas.”; [E3] “Que não se devia meter na situação.”; [E6] “Vão-lhe dizer para não se meter nos assuntos, porque são assuntos de adultos.”; [E8] “Que não é nada com ele, são coisas de adultos.” Três das crianças referem que solicitavam os pais para terminarem a discussão _ [E2] “Vão dizer para ela se calar.” [E4] “ Para se calar, porque não tem nada a ver” [E9] “Para se calar” _ identificando deste modo o desinteresse dos pais para aceitarem o seu pedido. Duas crianças [E5, E7] responderam que os pais lhes pediam desculpa após a ocorrência dos conflitos, o que pode sugerir que os pais destas duas crianças têm consciência do sofrimento que infligem nelas quando discutem à sua frente. Nota-se que existe uma clara perceção sobre os atos experienciados como negativos, ou seja, os comportamentos perpetrados, como socialmente inaceitáveis.

Resolução do conflito

A presente categoria foi construída com o objetivo de compreender quais as estratégias que as crianças propunham para a resolução do conflito que lhes foi apresentado. O discurso das nove crianças demonstra que estas tenderiam a adotar uma postura ativa de confronto direto com o problema (e.g., fazendo pedidos para parar; interposição no meio do casal) _ [E1] “mandava parar a

discussão”; [E2] “Mandava parar de discutir”; [E3] “Depende do que estivessem a falar, mandava parar.”; [E4] “Mandava-os calar porque não os queria ver discutir, não queria ver ninguém discutir.”; [E5] “Se fosse eu, eu também fazia a mesma coisa mandava os meus pais parar de discutir”; [E6] “Dizia para pararem de discutir e levava a mãe para o quarto”; [E7] “Mandava-os parar de discutir também”; [E8] “Mandava-os parar e dizia para eles se acalmarem” [E9] “Eu pedia-lhes para pararem”. A opção por estratégias ativas tendem a estar voltadas para a resolução do problema em si, no entanto, em cenários reais a opção por estas pode depender das características da situação (e.g., severidade da violência). Importa perceber que, em termos projetivos há intenção de mobilização recursos pessoais voltados sobretudo para a resolução do conflito.

Atribuição em torno da discussão

Outra categorial central emergente da análise dos dados foi a atribuição em torno da discussão, pretende-se verificar a quem a criança atribuiu a responsabilidade pelo conflito. A responsabilização da discussão é *atribuída de forma clara* por oito crianças à *figura paterna* (E1,E2,E3,E4, E5,E6,E7,E9). *Encontrando-se na maioria uma justificação para o início das discussões. Embora uma criança tivesse referido explicitamente a ausência de motivos para o início das discussões* _ [E7] “Pai, porque sim.” Da análise realizada, revela-se apenas que uma criança não atribui explicitamente a responsabilidade à figura paterna, segundo (E8), a responsabilidade da ocorrência do conflito é atribuída a ambos _ [E8] “Às vezes pode ser o pai outras vezes pode ser o ou a mãe”. Na procura de justificações para a iniciação da discussão, algumas crianças revelam pensamentos estereotipados de género _ E2] “Foi o pai, porque são sempre os homens que começam.” [E3] “O pai, porque é sempre é o mais habitual”. Outras duas crianças identificam a mãe como tendo feito algo que desencadeia a ira do pai e o levou a iniciar a discussão _ [E1] “Porque se calhar a mãe tinha feito alguma coisa, ou se não o pai zangou-se por algo de nada”; [E5] “O pai, porque a comida estava péssima”. Outras duas crianças referem-se a causas externas à mãe e inerentes ao pai, como o consumo de álcool, o estatuto _ [E4] “O pai, porque estava bêbado porque bebeu”; [E6] “O pai, porque pensa que é superior por trabalhar, e ganhar mais do que a mãe”. Outra das crianças atribui o início das discussões ao pai, justificando-o através do desamor deste pela mãe _ [E9] “O pai, porque não gostava da mãe.”.

Perspetiva final do conflito

Esta categoria surgiu do interesse em compreender a perspetiva individual de cada criança, relativamente a existência ou inexistência de um final positivo ou negativo atribuído ao final do conflito. A partir do relato das crianças foi

possível verificar que são divergentes as respostas destas, atribuídas ao final do problema. No entanto, as respostas das quatro crianças são unânimes atribuindo a existência de um final negativo para a situação _ [E1] “os pais vão-se separar.”; [E3] e [E7] “Separação”; [E6] “Se não houver compreensão provavelmente vão-se separar.” Contudo, três crianças, limitam-se a fazer apreciações morais, como se tivessem receio de verbalizar o que realmente pensam sobre o que pode acontecer, traduzindo a existência de um final mas negativo _ [E5] “Mal, porque vão continuar a discutir mais nada”; [E2] “Mal, triste” [E9] “ Mal, porque estão a discutir por isso vai acabar mal”. Uma criança refere a fuga de casa, por parte da mãe, como solução para a situação, [E4] “Mãe vai fugir de casa”. Por fim, e contra as expectativas uma das crianças parece ter alguma esperança num apaziguamento, [E8] “Eles se acalmarem e tornarem a ser uma família sossegada”.

Discussão dos resultados

A partir deste estudo verificou-se que as crianças recordam o seu ambiente familiar marcado pela presença de episódios de conflito parental. Os conflitos são identificados pelas crianças como fenómenos gerados por características intrínsecas e particulares. Eles reconhecem os conflitos a partir da forma e intensidade com que os pais expressam os conteúdos emocionais numa interação. Estes dados são consistentes com os trabalhos desenvolvidos nesta área, que têm vindo a evidenciar que as crianças revelam desde muito cedo capacidade para distinguir as interações afetuosas das interações hostis entre as figuras parentais, conseguindo perceber o clima emocional através de uma avaliação das alterações dos tons de voz ou da mímica facial (Cummings, Vogel, Cummings, & El-Sheikh, 1989). Estas crianças descrevem uma relação parental sempre conflituosa, não descrevendo momentos de afeto entre os pais, o que pede relacionar-se com o facto das crianças não os considerarem ou valorizarem, pelo seu carácter volátil e esporádico (Cunningham & Baker, 2007). O que predomina é a descrição de uma vivência num ambiente imprevisível, sob uma ameaça constante, e em que o perigo advém precisamente das figuras que as deveriam proteger e garantir a sua estabilidade e segurança. Estas observações são concordantes com o resultado de estudos efetuados nesta área, que evidenciam que a vivência em ambientes disfuncionais violentos desenvolve nas crianças a imagem de um mundo imprevisível, inseguro e assustador (Osofsky, 2003).

A maior parte das crianças acredita que os pais se vão separar e que esse será o final da história. Podendo sugerir que a separação poderá ser entendida como o alívio e tensão em que vivem dado estar rodeados de um ambiente hostil (Amato, 2000). As crianças apresentam um final negativo, o que poderá indicar também a falta de recursos que possibilitassem uma finalização, fuga de conteúdos emocionalmente positivos ou mesmo necessidade de ajuda no sentido de identificar uma alternativa não negativa. Diferentes estudos têm observado

que as crianças que passam pouco tempo com os pais não residentes revelam maior sofrimento e desajustamento ao divórcio, do que as crianças que passam mais tempo com os pais não residentes (Sigal, Sandler, Wolchik, & Braver, 2011).

As descrições realizadas nas narrativas das crianças demonstraram uma diversidade de reações emocionais (e.g., sentimentos de medo, tristeza e raiva) e cognitivas (e.g., preocupações com a integridade física do pai). Os resultados confirmam assim, os dados de vários estudos (Cunningham & Baker, 2007; Davies, Sturge-Apple, Winter, Cummings, & Farrell, 2006; Holt, Buckley, & Whelan, 2008) que revelam que as reações das crianças são reveladoras do impacto da violência ao nível do ajustamento da criança. Alicerçando-nos, assim, na literatura, sabemos que a exposição à violência interpaparental pode afetar negativamente o desenvolvimento cognitivo da criança (Jouriles, McDonald, Smith, Heyman, & Garrido, 2008; Koenen, Moffitt, Caspi, Taylor, & Purcell, 2003) e, mais concretamente, a capacidade de atenção, de concentração e de memória (Jouriles, Brown, McDonald, Rosenfield, Leahy, & Silver, 2008; Sani, 2011), resultando em diversos casos num desempenho académico mais fraco ou até mesmo em absentismo escolar (Ybarra, Diener-West, & Leaf, 2007).

As crianças também agem de diferentes maneiras em função de aspetos como o conteúdo do conflito, se relacionado ao filho ou aos progenitores, e de quem iniciou a situação, se a mãe ou o pai (Rice, Harold, Shelton, & Thapar, 2006). Esses autores desenvolveram uma pesquisa para investigar diferenças nas estratégias de confronto usadas por crianças de doze e treze anos em função do conteúdo do conflito e da maneira como pais e mães se expressam nessas situações. Os resultados mostraram que os filhos são mais propensos a interferir no conflito quando as discussões são relacionadas a eles ou envolvem agressão física entre os pais. Neste caso, as próprias crianças podem se tornar também alvo da hostilidade parental, o que agrava ainda mais a situação. No entanto, diante de episódios que não envolvem agressão, os filhos podem reagir tanto evitando quanto interferindo na situação. O nosso estudo vai de encontro aos resultados de Coutinho e Sani (2008) como utilizando estratégias focadas no problema (e.g., gritar, tentativa de parar o evento) são as mais utilizadas pelas crianças quando expostas à violência interpaparental.

Quanto aos motivos apontados para a ocorrência da violência, as crianças percebem que o que está na origem de alguém bater noutra pessoa são situações de conflito, que posteriormente geram discussões entre os pais. Porém, algumas crianças acrescentam a este motivo algumas interpretações, como consumos de álcool e de drogas, experiências de vitimação na infância, ciúmes, perturbações mentais, entre outras, associando muitas vezes às suas experiências de vitimação.

A figura materna foi representada de forma idealizada, apesar de ter sido descrita como uma mãe com comportamentos mais funcionais do que afetivos. Nenhuma destas crianças se referiu à mãe com emotividade ou mencionou a sua disponibilidade para acolher, para prestar cuidados emocionais e/ou para interagir de forma sensível e positiva.

Este estudo apresenta nas narrativas das crianças alguma desorganização do conteúdo e fracos recursos verbais o que corrobora com alguns estudos realizados com crianças negligenciadas, institucionalizadas e que sofreram violência familiar, também foram observadas histórias desorganizadas e incoerentes (Grych et al., 2002; Hodges, Steele, Hillman, Henderson, & Kaniuk, 2003) e menos habilidades verbais (Torres, Maia, Veríssimo, Fernandes, & Silva, 2012).

No caso do presente estudo verificou-se que a representação das crianças sobre a resolução do conflito versa sobre a interposição ou finalização do conflito nas suas narrativas, sendo esta ideia fundamentada por Holden (2003) e Grych e Fincham (1993). Estes autores referem em seus estudos o enorme desejo que estas crianças sentem em por termo à violência e restabelecer o sentimento de segurança, conduzindo a intervenções desesperadas no incidente violento que resultam, muitas vezes, em agressões acidentais ou intencionais contra a criança.

A literatura tem também apoiado a hipótese de que as percepções que as crianças têm do seu contexto familiar influenciam o impacto que os eventos familiares têm no seu desenvolvimento (Deon & Weems, 2010; Huang, Wang, & Warrenner, 2010). Por exemplo, num estudo longitudinal que examinou o efeito da separação dos pais nos problemas emocionais e comportamentais de crianças em idade pré-escolar. Por sua vez, o modelo de segurança emocional postula que a permanência no ambiente violento aumenta o sentimento de insegurança emocional da criança (Cummings & Davies, 1994). Shields, Ryan e Cicchetti (2001) compararam crianças que experienciaram situações de maus-tratos com crianças da amostra de controlo, num estudo sobre as representações parentais e a sua influência nas relações com os pares. O estudo demonstrou que as crianças têm representações dos seus cuidadores mais negativas (resultados mais elevados em dimensões como a punição física e a coerção emocional como forma de exercer controlo sobre a criança).

Conclusão

A violência interparental é uma realidade que faz parte de muitas famílias, existindo crianças que sofrem em silêncio durante anos afins. A criança é um alvo indefeso e vulnerável, de uma violência que ocorre no seu contexto doméstico envolvendo as principais figuras de afeto e experienciando, por isso, inevitáveis repercussões no seu bem-estar e desenvolvimento. Os primeiros anos de vida são especialmente importantes, uma vez que, a forma como o individuo se adapta às experiências iniciais vai ter impacto na forma como se vai comportar perante experiências posteriores (Sroufe, Coffino, & Carlson, 2010).

Este estudo recorreu ao uso de técnicas projetivas com o objetivo de aceder às representações de um grupo de crianças, acolhidas em casa de abrigo com suas mães, vítimas de violência doméstica, relativamente a situações de conflitos na

família. De uma forma global, os resultados obtidos permitem-nos verificar que as crianças apresentam narrativas claras sobre os episódios de conflito paparental, traduzido em episódios de violência física e emocional, sem menção a momentos de resolução dos conflitos. Tais situações afetam-nas a vários níveis, apresentando uma descrição sobre as suas emoções de tonalidade negativa quanto às emoções e aos sentimentos e cognições centradas no comportamento do pai relacionado com a integridade física da mãe. Existem referências à figura paterna e materna, embora não havendo similaridade nas suas descrições. No que diz respeito às atribuições de responsabilidade estas são dirigidas à figura paterna.

Além do ensino de explorarmos as potencialidades das técnicas projetivas, procurámos também que extrair das narrativas da criança argumentos para refletirmos sobre as necessidades específicas das crianças que vivem expostas à violência interpaparental. Certamente a especificidade da amostra não permite generalizações, mas possibilita um primeiro nível e reflexão sobre a intervenção possível e desejável junto destas vítimas menores. Ao nível da intervenção clínica seria importante dar resposta aquelas que são as principais necessidades destas crianças, de modo a minimizar o impacto negativo desta exposição e, simultaneamente, promover o desenvolvimento de competências que permitam à criança lidar de forma eficaz e não violenta com os problemas e frustrações que inevitavelmente ocorrem nos relacionamentos (Sani, 2012, 2013). É igualmente importante que se faça a desconstrução de estereótipos e preconceitos inerentes ao género e à violência na família e se eduquem as crianças, numa perspetiva de igualdade de género e de cidadania, desenvolvendo capacidades de comunicação e de resolução pacífica dos conflitos.

Referências

- Amato, P. R. (2000). The consequences of divorce for adults and children. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 1269-1287.
- Appelman, E., & Wolf, D. P. (2003). Emotional apprenticeships: The development of affect regulation during the preschool years. In R. N. Emde, D. P. Wolf, & D. Oppenheim (Eds.), *Revealing the inner worlds of young children: The MacArthur story stem battery and parent-child narratives* (pp. 182-200). New York: Oxford University Press.
- Bazeley, P. (2007). *Qualitative Data Analysis with NVivo*, Thousand Oaks: Sage.
- Belei, R. A., Gimenez-Paschoal, S. R., Nascimento, E. N., & Matsumoto, P. H. V. R. (2008). O uso da entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. *Cadernos de Educação*, 30, 187-199.
- Bretherton, I., & Oppenheim, D. (2003). The MacArthur Story Stem Battery: Development, directions for administration, reliability, validity and reflections about meaning. In R. N. Emde, D. P. Wolf, & D. Oppenheim (Eds.), *Revealing the inner worlds of young children: The MacArthur Story Stem Battery and parent-*

- child narratives* (pp. 55-80). New York: Oxford University Press
- Bretherton, I., Oppenheim, D., Buchsbaum, H., Emde, R., & the MacArthur Narrative Group (1990). *MacArthur Story Stem Battery*. Unpublished manual, University of Wisconsin-Madison.
- Bretherton, I., Ridgeway, D. & Cassidy, J. (1990). Assessing internal working models of the attachment relationship: An attachment story completion task for 3-year olds. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years: Theory, research, and intervention* (pp.273-308). Chicago: University of Chicago Press.
- Buckley, H., Holt, S., & Whelan, S. (2007). Listen to Me! Children's Experiences of Domestic Violence. *Child Abuse Review*, 16(5), 296-310.
- Coutinho, M. J., & Sani, A. I. (2008). A experiência de vitimação de crianças acolhidas em casa abrigo. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Fernando Pessoa*, 5,188-201.
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (1994). *Children and marital conflict: The impact of family dispute and resolution*. New York: The Guilford Press.
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2010). *Marital conflict and children: An emotional security perspective*. New York: The Guilford Press.
- Cummings, E. M., Schermerhorn, A. C., Keller, P. S., & Davies, P. T. (2008). Parental depressive symptoms, children's representations of family relationships, and child adjustment. *Social Development*, 17, 278-305.
- Cummings, E. M., Vogel, D., Cummings, J. S., & El-Sheikh, M. (1989). Children's responses to different forms of conflict expression of anger between adults. *Child Development*, 60, 139-1404
- Cunningham, A., & Baker, L. (2007). *Little eyes, little ears: how violence against a mother shapes a children as they grow*. London, On: Centre for Children e Families in the Justice Systems of the London Family Court Clinic.
- Davies, P. T., Sturge-Apple, M.L., Winter, M. A., Cummings, E. M. & Farrell, D. (2006). Child adaptational development in contexts of interparental conflict over time. *Child Development*, 77, 218-233.
- Deon, C., & Weems, C. F. (2010). Emotional development in the context of conflict: The indirect effects of interparental violence on children. *Journal of Child and Family Studies*, 19, 287-297.
- Du Rocher Schudlich, T. D., & Cummings, E. M. (2003). Parental dysphoria and children's internalizing symptoms: Marital conflict styles as mediators of risk. *Child Development*, 74(6), 1663-1681.
- Davies, P. T., & Cummings, E. M. (1994). Marital conflict and child adjustment: An emotional security hypothesis. *Psychological Bulletin*, 116, 387-411.
- Edleson, J. L., Ellerton, A. L., Seagren, E. A., Schmidt, S. O., Kirchberg, S. L., & Ambrose, A.T. (2007). Assessing child exposure to adult domestic violence. *Children and Youth Services Review*, 29, 961-971.
- Emde, R. N. (2003). Early narratives: A window to the child's inner world. In R. N. Emde, D. P. Wolf, & D. Oppenheim (Eds.), *Revealing the inner worlds of young*

- children: The MacArthur story stem battery and parent-child narratives* (pp. 3-26). New York: Oxford University Press.
- Esfandyari, B., Baharudin, R., & Nowzari, L. (2009). The Relationship between inter-parental conflicts and externalizing behaviour problems among adolescents. *European Journal of Social Sciences*, 12(1), 121-126.
- Fivush, R., Hazzard, A., Sales, J. M., Sarfati, D., & Brown, T. (2003). Creating coherence out of chaos: Children's narratives of stressful and positive events. *Journal of Applied Cognitive Psychology*, 17, 1-19.
- Gonçalves, M. (2003). Aumentar a resiliência das crianças vítimas de violência. *Análise Psicológica*, 1(XXI). 23-30.
- Gonçalves, M., Morais, A. P., Pinto, H. & Machado, C. (1999). Teste Aperceptivo de Roberts para Crianças (R. A.T.C.). In M. R. Simões, M. M. Gonçalves & L. S. Almeida (Ed.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (Vol.2), Braga, APPORT/SHO.
- Gonçalves, O. (2000). *Viver narrativamente: a psicoterapia como adjectivação da experiência*. Coimbra: Quarteto.
- Grych, J. H. & Cardoza-Fernandes, S. (2001). Understanding the Impact of interparental conflict on children. In J. H. Grych, & F. D. Fincham (Ed). *Interparental conflict and child development. Theory, research and application* (pp. 157-187). Cambridge University Press: USA.
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: A cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin*, 108(2), 267-290
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1993). Children's appraisals of marital conflict: initial investigations of the cognitive contextual-framework. *Child Development*, 64, 215-230.
- Grych, J., Wachsmuth-Schlaefler, T., & Klockow, L. (2002). Interparental aggression and young children's representations of family relationships. *Journal of Family Psychology*, 16, 259-272.
- Guba, E., & Lincoln, Y. (1989). *Fourth Generation Evaluation*. Newbury Park: Sage publications.
- Hazzard, A., Christensen, A., & Margolin, G. (1983). Children's perceptions of parental behaviors. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 11(1), 49-59.
- Hodges, J., Steele, M., Hillman, S., Henderson, K., & Kaniuk, J. (2003). Changes in Attachment Representations Over the First Year of Adoptive Placement: Narratives of Maltreated Children. *Clinical Child Psychology and Psychiatry* 8(3), 1359-1045.
- Holden, G. (2003). Children exposed to domestic violence and child abuse: terminology and taxonomy. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 6(3), 151-160.
- Holmberg, H., Robinson, J., Corbitt-Price, J. & Wiener, P. (2007). Using narratives to assess competencies and risks in young children: Experiences with high risk and normal populations. *Infant Mental Health Journal*, 28, 647-666.
- Holt, S., Buckley, H., & Whelan, S. (2008). The impact of exposure to domestic

- violence on children and young people: A review of the literature. *Child Abuse & Neglect*, 32, 797-810.
- Huang, C-C., Wang, L. R., & Warrener, C. (2010). Effects of domestic violence on behavior problems of preschool-aged children: Do maternal mental health and parenting mediate the effects? *Children and Youth Services Review*, 32, 1317-1323.
- Jiménez. B.A. (2009). Menores expuestos a violencia contra la pareja: Notas para una práctica clínica basada en la evidencia, *Clínica y Salud*, 20(3), 261-272.
- Jouriles E., McDonald R., Smith A., Heyman R. & Garrido, E. (2008). Child abuse in the context of domestic violence: Prevalence, explanations, and practice implications. *Violence and Victims*, 23(2), 221-235.
- Jouriles, E. N., Brown, A. S., McDonald, R., Rosenfield, D., Leahy, M. M., & Silver, C. (2008). Intimate partner violence and preschooler's explicit memory functioning. *Journal of Family Psychology*, 22(3), 420-428.
- Kitzmann, K. M., Gaylord, N., Holt, A., & Kenny, E. (2003). Child witnesses to domestic violence: A meta-analytic review. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 71, 339-352.
- Koenen, K. C., Moffitt, T. E., Caspi, A., Taylor, A., & Purcell, S. (2003). Domestic violence is associated with environmental suppression of IQ in young children. *Development and Psychopathology*, 15, 297-311.
- Margolin, G., & Gordis, E. B. (2004). Children's exposure to violence in the family and community. *American Psychological Society*, 13(4), 152-155.
- McArthur, D. S., & Roberts, G. E. (1982). *Roberts Apperception Test for Children. Manual*. L. A., California: Western Psychological Services.
- McDonald, R., & Grych, H. J. (2006). Young children's appraisals of interparental conflict: Measurement and links with adjustment problems. *Journal of Family Psychology*, 20(1), 88-99.
- Moretti, M. M., Obsuth, I., Odgers, C., & Reebye, P. (2006). Exposure to maternal versus paternal partner violence, PTSD and aggression in adolescent girls and boys. *Aggressive Behavior*, 32, 385-395.
- Morse, J. (1994). Designing funded qualitative research. In N. Denzin, & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research* (pp. 220-235). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Oppenheim, D. (2006). Child parent, and parent-child emotion narratives: implications for development psychopathology. *Development and Psychopathology*, 18, 771-790.
- Oppenheim, D., Nir, A., Warren, S., & Emde, R. (1997). Emotion regulation in mother-child narrative co-construction: Associations with children's narratives and adaptation. *Developmental Psychology*, 33(2), 284-294.
- Osofsky, J. D. (2003). Prevalence of children's exposure to domestic violence and child maltreatment: Implications for prevention and intervention. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 6(3), 161-170.
- Overlien, C., & Hydén, M. (2009). Children's actions when experiencing domestic violence. *Childhood*, 16(4), 479-496.

- Perry, B., Burston, A., Stevens, M., Steele, H., Golding, J. & Golombok, S. (2004). children's play narratives: What they tell us about lesbian-mother families. *American Journal of Orthopsychiatry*, 74, 467-479.
- Reese-weber, M. & Kahn, J. (2005). Familial predictors of sibling and romantic-partner conflict resolution: comparing late adolescents from intact and divorced families. *Journal of adolescence*, 28, 479-493.
- Rice, F., Harold, G. T., Shelton, K. H., & Thapar, A. (2006). Family conflict interacts with genetic liability in predicting childhood and adolescent depression. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 45(7), 841-8
- Roberts, G. E. (1990). *Interpretative handbook for the Roberts Apperception Test for Children*. L. A., California: Western Psychological Services.
- Robinson, J. L. (2007). Story stem narratives with young children: Moving to clinical research and practice. *Attachment & Human Development*, 9(3), 179-185.
- Rohner, R. P. (1990). *Handbook for the study of parental acceptance and rejection*. 3rd Ed. Storrs, CT: Rohner Research Publications.
- Sani, A. I. (2002). *As crianças e a violência. Representações de crianças vítimas e testemunhas de crime*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Sani, A. I. (2004). O discurso de crianças expostas à violência interpaparental – Estudo Qualitativo. *Psychologica*, 36, 109-130.
- Sani, A. I. (2006). As variáveis mediadoras do impacto na criança da exposição à violência interpaparental. *Psicologia: Teoria, investigação e prática*, 11(2), 111-133.
- Sani, A. I. (2011). *Crianças vítimas de violência: Representações e impacto do fenómeno*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Sani, A. I. (2012). A intervenção psicológica com crianças expostas à violência interpaparental: orientações para a prática. In C. Poiates (Ed.), *Manual de Psicologia Forense e da Exclusão Social – Rotas de investigação e de intervenção* (pp. 235-257). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Sani, A. I. (2013). Intervenção terapêutica em grupo com crianças expostas à violência doméstica. In A. Sani, & S. Caridade (Coords.), *Violência, agressão e vitimação: Práticas para a intervenção* (pp. 35-57). Coimbra: Edições Almedina.
- Shields, A., Ryan, R. M., & Cicchetti, D. (2001). Narrative representations of caregivers and emotion dysregulation as predictors of maltreated children's rejection by peers. *Developmental Psychology*, 37(3), 32.
- Sigal, A., Sandler, I., Sharlene, W., & Braver, S. (2011). Do parenting education programs parent promote healthy post-divorce parenting? Critical distinctions and a review of the evidence. *Family Court Review*, 49, 120-139.
- Sroufe, L. A., Coffino, B., & Carlson, E. (2010). Conceptualizing the role of early experience. Lessons from the Minnesota longitudinal study. *Developmental Review*, 30, 36-51.
- Strauss, A., & Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory* (2nd Ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Torres, N., Maia, J., Veríssimo, M., Fernandes, M., & Silva, F. (2011). Attachment

- security representations in institutionalized children and children living with their families: Links to problem behavior. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 19, 25-36.
- Waldinger, R., Toth, S., & Gerber, A. (2001). Maltreatment and internal representations of relationships: core relationship themes in the narratives of abused and neglected preschoolers. *Social Development*, 10(1), 41-55.
- Wolfe, D. A., Crooks, C. V., Lee, V., McIntyre-Smith, A., & Jaffe, P. G. (2003). The effects of children's exposure to domestic violence: a meta-analysis and critique. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 6(3), 71-186.
- Ybarra, M. L., Diener-West, M., & Leaf, P. J. (2007). Examining the overlap in Internet harassment and school bullying: Implications for school intervention. *Journal of Adolescent Health*, 41, 42-50.

